

Dona Maria

Eu nasci na Fazenda Santa Tereza, Comarca de Itápolis, no dia 21 de fevereiro de 1918, às 10 horas da manhã. E lá permaneci até aos 14 anos, quando perdi mamãe e papai. Papai morreu com um tumor no fígado e mamãe engasgada com um osso de galinha. Depois disso, os meus irmãos não queriam que eu viesse embora e eu quis vir por conta própria. Aí, eu fui trabalhar em Araraquara, na Santa Casa de Saúde Santa Isabel, em 1939. E lá trabalhei por nove anos e meio, como enfermeira. Estudei um pouco aqui em Araraquara.

No hospital, eu fazia serviço de enfermagem, trabalhava no centro cirúrgico, pois eu era uma menina forte, e eu ainda aumentei dois anos na minha idade, ninguém falava nada. Perguntavam se eu era formada e se fazia tempo que eu trabalhava, e eu dizia que sim. Mas isso não era verdade, eu era nova de hospital. Fui para São Paulo, acabei por dois ou três meses como enfermeira particular e depois fui para o Hospital Matarazzo. Eu consegui isto graças à Irmã Zélia. Uma amiga minha disse para eu ir ao Matarazzo: "você trabalha muito bem, não quero que você fique trabalhando

particular". Não estou me gabando. Ai então, estudei três anos para ser enfermeira. Depois de formada, continuei no Matarazzo. Acabei apanhando uma infecção na vista de um docente e fiquei de licença por seis meses. Dentro desses seis meses, encontrei uma amiga que me convidou para ir à Europa. Eu fiquei com receio de ir, mas ela disse para eu ir, que seria melhor, para não ficar preocupada: "você está de licença, não vai se prejudicar".

Quando nós chegamos em São Paulo, tomamos um avião e paramos primeiro em Recife. Ficamos 40 minutos. Aqueles mulatos sempre educados, que falavam inglês e italiano. Depois de 40 minutos, fomos para a Ilha do Sal, descemos, tomamos banho, almoçamos e fomos ver o mar, mas de longe. Porque disseram que ele engoliu muita gente. Não sei se é lorota, o pessoal de lá disse que sumiu muita gente. E você sabe, brasileiro tem um pouco de medo. Tomamos novamente o avião e fomos para Portugal. Paramos mais de 40 minutos, almoçamos e tomamos outro vôo para Milão. Em Milão, fiquei muito doente, porque comi uma comida que não estava acostumada, ficando de cama de manhã e, quando foi meio dia, levantei e fomos andar. Milão é muito linda.

Minha amiga adorava jogar e me convidava para ir junto até a Suíça. Mas, eu não gosto de jogo, e não fui. A gente andou

bastante, visitamos a Igreja do Papa, tudo muito lindo, bem organizado. Só que nós não tivemos sorte, o Papa estava de retiro, ele nos abençoou pela janlinha. Mas, assim mesmo ficamos felizes e satisfeitas. Visitamos também o Museu da Basílica de São Pedro, era uma maravilha, tem tudo lá, você pode escolher jóias, pedras preciosas e aquele vestido todo em ouro...

No hotel, dormíamos até o meio dia, porque lá a vida é diferente. Nós fomos almoçar na chácara do Dom Pepponio. Foi um almoço muito bem servido. Depois nos convidaram para ir visitar os porcos, queriam que a gente visse a criação, onde eles faziam queijo. Eram porcos grandes, bonitos, brancos que eu nunca vi.

Na Fazenda Santa Isabel, a gente brincava muito. Eu era moleca e danada. Trepava em árvore como menino. Andava a cavalo, tinha cabrito, a gente tirava leite de vaca, tomava leite. E quando era tempo de colher algodão, a gente trabalhava para ganhar um dinheirinho. Sempre lutei muito em minha vida. Eu tinha muitas primas, amiguinhas mas, sempre estávamos em família, fomos criados em família. Eu era muito levada e safadinha. Eu brigava com as crianças. Uma vez, uma amiga me falou um nome feio, e eu enfiei o couro nela, deixei ela deitada no chão.

Sempre trabalhei, minha vida foi trabalhar. Depois do hospital, trabalhei muito como particular, com nenê. Saía do meu serviço e ia para outro plantão. Se eu tenho minha casa hoje, foi por causa do meu trabalho.

Viver em São Paulo era muito frio. Quando eu cheguei não conhecia nada, eu era uma estranha. Tinha uma garoa tremenda, tudo mais difícil. Eu andava do Matarazzo até a casa da minha prima no bairro do Paraíso. Isso foi em 1949.

Depois eu sempre morei perto do Matarazzo, na casa de uma senhora que alugava quartos. Eu saí do Matarazzo e dei entrada num pequeno apartamento, na praça Júlio Mesquita, na Avenida São João, no oitavo andar no número 187. Era ótimo, gostava muito dele.

Me arrependi amargamente de ter vendido. Se eu pudesse comprá-lo de novo, gostaria de voltar a morar em São Paulo. Eu tenho uma irmã em São Paulo, agora só sobrou nós duas. Mas, por outro lado, se eu estivesse em São Paulo, quando eu fiquei doente, não teria tido os recursos que tive em Araraquara. Minha família me tratou, me hospedou por quatro meses, graças a Deus. E tudo isso foi um conforto para mim. Eles são muito bons.

Foi por isso que eu fui trabalhar, abandonando minha família. Já que tinha perdido pai e mãe, não gostava que mandassem em mim. Aí, eu recebi uma carta de uma amiga, dizendo que estavam precisando de uma moça forte, que queria trabalhar no hospital, para eu ir que estavam precisando de mim. O meu primo vinha uma vez ou outra me visitar. O engraçado é que quando eles estavam doentes, eu os ajudava. Não é para me orgulhar. Eu podia ter tido meus filhos, eu adoro criança, e ter ficado do lado do homem que gostava. Depois não teve mais nada. O que tinha de médico, aqui mesmo em Araraquara, de pessoas atrás de mim. Eu era muito vistosa, tinha um corpo muito elegante, andava sempre bem vestida. Quando a irmã dele morreu, ele queria se casar comigo. Isso foi em 1990. A irmã dele morreu dia 12 de fevereiro de 1990 e ele no dia 19 de fevereiro do mesmo ano, perto do meu aniversário. Ele foi embora para Marília, apesar dele não querer. Ele pediu-me em casamento, já que não havia mais ninguém para atrapalhar. Mas eu disse que estava doente. E outra, eu queria casar quando podia ter nenê. Tô certa? Como eu iria ter filho com essa idade?

Eu sempre fiquei solitária. Em São Paulo, eu não ia ao cinema ou teatro. Eu sempre trabalhei, pois depois que alguém te proíbe de um negócio desse, você perde a ilusão. Agora, tem a nossa

comunidade da terceira idade. Tem baile, passeio, excursões... Eu vou, mas não é sempre que tenho dinheiro.

Eu faço trabalhos manuais pra Apex, crochê, por exemplo, guardanapos, panos...

Acho que não tenho mais nada para falar. Quando te proibem de namorar, a vida se torna constrangida, a gente não tem vontade de nada. E eu também tinha pavor de livros, de leitura. Porque o meu pai não queria que eu estudasse por causa do meu tamanho. Com doze anos, eu era moça formada e ele não queria que eu fosse para a escola. Em relação às coisas de escrever, eu tenho trauma. Meu pai não nos deixava sair. Ao lado de casa, tinha um salão fino, bonito e ele nunca deixou a gente freqüentar. Ele não gostava de pintura, não queria que eu cortasse o cabelo.

A fazenda pequena era do meu pai e quando ele morreu, a gente deu a fazenda grande para os meus primos. Hoje são dos Quadros. Quer dizer, o que tenho é tudo do meu suor, só o que construí.

Na minha casa, quem trabalhava era meu avô e meus irmãos. Quem sustentava era meu pai, ele era o chefe. Meu pai não tinha profissão, ele só lia. E não queria que eu estudasse..., é por causa da molecada e por eu ser moça crescida e bonita. Pai italiano é assim

mesmo. Minha mãe gostava do Pedro. Meu pai era homem que bebia. Quando ele vinha à noite, ele tinha uma égua e uma cachorra chamada Mesquina. Ele caía do cavalo e a égua ficava esperando, não vinha embora. Juro por Deus! Enquanto ele não vinha, o cavalo não saía de lá. A minha mãe ficava triste demais. Ela era linda, seu cabelo tinha uma onda. Só tinha festa perto dos Quadros, procissão, missa e fogos. Não tinha estrada, você ia a pé até a cidade. Tinha apenas uma jardineira que passava nos Quadros, São Lourenço do Turvo, Matão e Itápolis.

Nada me impressiona... mais do que entrar no centro cirúrgico, segurar a anestesia e ver uma perna sendo cortada... Juro por Deus! Eu não tenho medo. Posso ver alguém da minha família sofrendo, mas fico na sala vendo. Eu me dava muito bem no Matarazzo. Quando eu saí, minhas amigas choraram. E a irmã tinha um ciúme de mim! Quando eu fui embora, a irmã disse que parecia que tinha saído um velório. Até os próprios médicos contavam os seus problemas para mim, todo mundo confiava em mim. Quando eu ficava num quartinho dobrando roupas, eles vinham conversar comigo. Eu comecei trabalhando doze horas, e com as leis do Getulismo, oito horas. A gente ficava cansada de trabalhar doze horas, mas precisávamos, e ninguém falava nada. Nem horário para

almoço, a gente tinha. Você tem que circular ou ficar na sala o tempo todo.

Depois de dois anos que trabalhei no centro cirúrgico, fui fazer um curso de enfermagem. Nós fazíamos os estágios no hospital da escola de enfermagem da Pia Matarazzo e outros em hospitais pobres. Era uma turma de dezoito, dois homens e o resto de mulheres. Foi uma maravilha, todos nós ficamos juntos até se formar, por três anos. Quando nos formamos, todo mundo ficou fazendo aquela festa, se preparando, fazendo vestido e a capa da enfermagem. Foi uma turma ótima e a festa foi linda, cheia de comes e bebes. Depois a turma foi se despedindo, cada um foi pra sua casa e uma parte continuou no Matarazzo. Ai eu trabalhei no Matarazzo de 1951-1974, e me aposentei. Continuei trabalhando por muito tempo como particular. Depois, resolvi voltar para minha terra. Não é bem minha terra, mas eu voltei para Araraquara. O povo daqui é muito arrogante, trata você como ninguém.

Ah! Eu esqueci de dizer que estive em Caldas Novas, em dezembro do ano passado. Eu gostei demais das piscinas aquecidas. Fiquei na água muitas horas, brincando e contando piada. À noite, tinha bingo e baile. Mas, eu não quis dançar, pois meu irmão havia falecido.

Eu tenho uma sobrinha muito pobre, que tem dois gêmeos e o marido não tem serviço. Quando ela precisava trabalhar, eu buscava, dava banho, almoço e lanche às crianças. O Flávio é excepcional e por onze anos eu cuidei dele, todo dia essa mesma vida. Minha paixão é o Flávio. Mas, depois que eu fiquei doente, ele passou a ficar menos em casa.

Para finalizar, gostaria de dizer que sou apaixonada pela minha família. Sempre quando tem alguém doente, eu cuido com muito amor. Nos últimos dias do meu irmão, eu fiquei dezenove noites com ele. É sempre assim, a gente colhe o que planta. Quando eu fiquei doente, todo mundo me ajudou.

Um desejo que eu tenho, era voltar para a Europa, poder viajar de novo. Quem sabe eu possa cuidar dos seus nenês. A maior alegria de um casamento são os filhos. Hoje alugo quartos e vou continuando a vida.